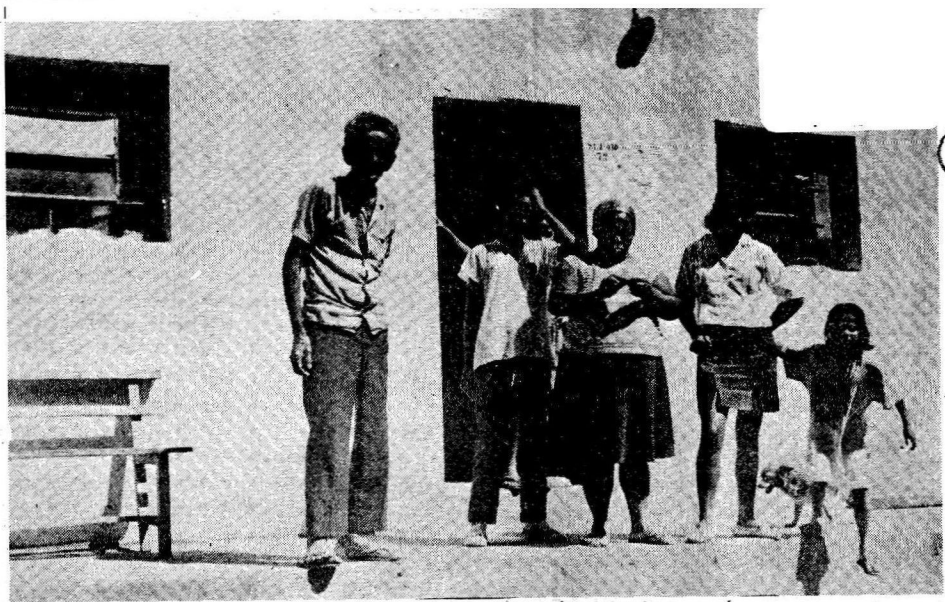
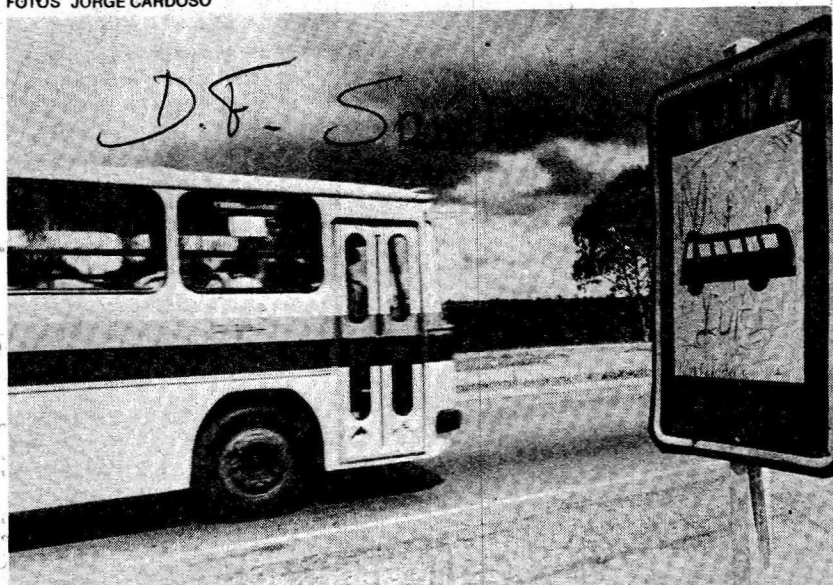


FOTOS JORGE CARDOSO



Desrespeitando os direitos dos usuários, os ônibus simplesmente não param no ponto mais próximo à chácara de Antenor Fernandes

Criança morre nos braços da mãe

Ônibus não param no ponto e, quando socorro chegou, era tarde

Uma criança de um ano e quatro meses agonizou nos braços da mãe a caminho do Hospital Regional de Sobradinho, enquanto os ônibus da Viplan para o qual acenava com desespero passavam direto pelo ponto onde ela estava. A criança chegou morta ao hospital. Agora, é de tristeza e revolta o ambiente na casa de um velho de 87 anos, que abriga 20 famílias em sua chácara. O menino era o Lourinho, o velho, vovô Antenor.

O drama de Maria Helena Gonçalves começou quando o filho Wesley deu sinais de estar passando mal na casa onde ela vive com seu companheiro José dos Santos, na Chácara Guaraciaba, Km-4 da estrada que liga Sobradinho a Brasília. Andou cerca de 2 quilômetros com a criança nos braços. Atravessou duas pistas na ânsia de pegar um ônibus para o hospital. Para os motoristas, "quem mora na chácara não é ninguém". Chuva, sol, poeira e fumaça são os únicos direitos de quem depende deles.

Foram de amargura, sofrimento e ansiedade os momentos que Maria Helena passou na beira da estrada, com o filho chorando a princípio. Tinha febre e vômitos até que veio a "alteração neurológica irreversível, seguida de parada cardíaca", conforme constatado no HRS onde foi tentada a reanimação. Em casos de óbito recente — questão de minutos — é possível ressuscitar o doente. Raimunda Mendes Pereira, mulher de vovô Antenor, fizera isto numa ocasião em que Lourinho ficou "arroxeadado".

O ônibus que recolheu Maria Helena e a criança só parou por que um dos passageiros percebeu que "havia uma mulher desesperada, gritando por socorro". O coletivo teria de rodar muito até que se chegasse ao hospital. Um policial fez parar um carro particular que levou Maria Helena e o menino. Quando Wesley recebeu socorro era tarde.

Antenor Fraga Fernandes, de Riacho de Santana, na Bahia, tem sua chácara há 30 anos, antes da fundação de Brasília. Criou 12 filhos, quatro dos quais "meninos ainda", freqüentando escola distante de casa. O governo nunca o incomodou com relação às terras que ocupa, e onde planta de tudo, especialmente frutas. Muitos necessitados se valeram dele e vivem em suas terras, em casas construídas com sua ajuda. Quatro "funcionários importantes" invadiram sua chácara e ele luta para retirá-los. O advogado Nísio Curado foi contratado, ganhou dinheiro para construir uma casa "de Cz\$ 500 mil". Só fez favorecer os invasores.

Antenor cuida de 60 crianças, filhos dos moradores que têm na chácara. Lourinho era um deles. Pela manhã, estava alegre e brincalhão. Por volta das 15h de quarta-feira "votou para chorar e tremer". Era 16h quando Maria Helena decidiu procurar socorro. Andou 2 quilômetros de chão de terra batida.

Segundo Antenor, a princípio, o menino apertava a mãe. Depois amoleceu e começou a vomitar. "Ninguém se importa com os pobres", diz ele, a não ser para explorá-los como fizeram dois estudantes de Medicina a quem deu guarida em sua casa. Um deles foi ficando. Formou-se, constituiu família, em casa cedida por Antenor e um dia disse que a casa era sua. Antenor foi preso e passou um dia inteiro na delegacia.

Cuida das crianças porque os pais não têm tempo. Saem de madrugada para o trabalho e quando voltam os filhos estão dormindo. Nem religião ensinam. Por isso Antenor teve de buscar uma catequista em Sobradinho. Os meninos fazem roda no chão e aprendem, "nem que seja ao menos um Padre Nosso". Ele não sabe de que Lourinho morreu. Do hospital levaram o menino para o Instituto Médico Legal. A mãe só conseguiu liberar o corpo ontem de manhã. De veneno Antenor garante que não foi. Proibiu o uso em suas terras por causas das crianças. "Deve ter sido do coração", diz ele, lembrando o socorro que Raimunda, a Nêga, teve de lhe dar um dia.

Culpa maior dos motoristas que não param para ninguém, nem para as crianças que vão à escola e ficam às vezes debaixo de chuva. Uma vizinha grávida foi para a beira da estrada ao sentir "que a hora chegara". A criança nasceu por lá mesmo.

GIVALDO BARBOSA



Os ministros Raphael de Almeida Magalhães e Roberto Santos na assinatura dos convênios